

destruidores de lares mary kay andrews

TRADUÇÃO DE WENDY CAMPOS



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2024

Em memória de Katie, Minha Princesa Guerreira,
com um coração repleto de amor



AMOSTRA

PRÓLOGO



Uma Noite Escura e Tempestuosa

O vento uivava e guinchava, e as ondas açoitavam furiosamente o quebra-mar. Enormes e imponentes nuvens carregadas encobriam quase totalmente a lua crescente em tons amarelo-claros. Agora, a chuva também soprava, como cacos afiados cortando suas pernas despidas.

— Era uma noite escura e tempestuosa. — Ela desceu o dique de concreto. Era engraçado, mas não *tão* engraçado. Dissera às meninas em sua aula de inglês avançado que isso era um clichê. No entanto, ali estava ela, de muitas maneiras, um clichê vivo.

A última vez. Foi o que ela disse a si mesma há quase uma hora, quando saiu de casa sem olhar para trás.

Naquela semana, no confessional — a primeira vez que se confessara em muitos anos —, prometeu ao padre que acabaria com essa loucura.

— É adultério. Você sabe disso — dissera ele bruscamente. — E sabe que isso tem que acabar.

Seu rosto ainda queimava de vergonha das palavras do padre. Ela chorou e prometeu terminar o caso. Ser o tipo de mulher que todos acreditavam que ela fosse; sua família, seus amigos e, sim, todas aquelas garotas impressionáveis que a admiravam, que a adoravam por ser “a professora legal”.

Ela tinha sido tão cuidadosa. Nunca havia deixado escapar qualquer pista. Ninguém poderia saber. Enfatizara isso para ele uma centena de vezes. Havia tanto em jogo. Eles haviam tomado todas as precauções. E ainda assim...

O cabelo molhado chicoteou em seu rosto. Ela pareceria um rato encharcado quando chegasse lá. Mas sabia que ele não se importaria. Um minuto depois de sua chegada, ele estaria rasgando suas roupas com a ferocidade que a divertia e aterrorizava.

Mas esta noite seria diferente, ela prometeu a si mesma. Esta noite era um adeus.

Mais à frente, a uns 60 metros de distância, ela avistou a luz bruxuleante no píer, a única luz no horizonte escurecido pela tempestade. Todas as casas de veraneio estavam vazias nesta época do ano, esperando silenciosamente que seus proprietários ausentes retornassem na primavera. Distraída, ela tropeçou em uma fenda profunda no concreto e quase foi lançada em direção às ondas, mas de alguma forma conseguiu se equilibrar. Sua respiração estava acelerada e ruidosa, e seu coração martelava no peito quando ela parou para se reorientar.

E se tivesse caído? O que significaria? Uma cruel ironia do destino, não? Depois do acordo que fez com Deus? Que consertaria as coisas em casa, pararia de dizer tantos palavrões, seria mais legal com seus colegas de trabalho, pegaria mais leve com sua mãe, voltaria a frequentar a igreja? Morrer a caminho de terminar o caso com o amante, estatelada nas rochas, provavelmente afogada, ou pior, com seu corpo ensanguentado devorado por tubarões? Seria um sinal divino às avessas. O universo mandando que ela se danasse.

Esqueça tudo isso, disse a si mesma com uma risada dissonante. Pare de ser a rainha do drama. Este último trecho do dique era traiçoeiro, castigado pelo último furacão que atingiu a costa. Ela pisou com cuidado no aterro coberto de ervas daninhas, seus sapatos escorregando na grama molhada. À frente, a luz piscava, intermitente. Código semafórico. Ele aprendeu sozinho com um velho manual da Marinha que havia encontrado em algum lugar e adorava sinalizar para ela todos os tipos de palavrões quando chegava cedo e sabia que ela estaria se aproximando. Ela pensava nisso como a versão dele de preliminares.

Ah, Deus, ela sentiria falta dele. Sentiria falta da diversão, da espontaneidade e, sim, da pura excitação, do terror, da emoção de cruzar a linha e abandonar a fachada de boa garota que passou a vida inteira construindo. Mas não do sexo. Na verdade, ele não era um amante habilidoso, mas nunca foi por isso. Foi?

Logo à frente, ela viu o familiar aglomerado de arbustos de oleandro que demarcava a divisa da propriedade e se projetava no dique. Não havia como contornar aquele matagal. Ela abaixou a cabeça e estendeu a mão para afastar um galho de seu caminho. Sua mão escorregou, e o galho voltou, batendo com força em seu rosto. Ela gritou, mais de surpresa do que de dor, mas o grito morreu em sua garganta quando um braço apertou sua traqueia.

A última coisa que ela viu, logo antes de desmaiar, foi a luz piscando no final do píer, soletrando uma palavra. D-E-P-R-E-S-S-A.

1



Uma Visita Inesperada

Enquanto deslizava de costas sob as fundações apodrecidas da casa na rua Tattnall, Hattie Kavanaugh questionava suas decisões. A insistência em inspecionar ela mesma os canos de ferro fundido corroídos, em vez de aceitar a palavra do encanador. Todo o dinheiro que a Kavanaugh & Filho já havia investido nesta magnífica ruína de 157 anos. Não ter uma daquelas geringonças que os mecânicos usam — como era o nome daquilo? Esteira? Mas, principalmente, questionava a segunda xícara de café que havia engolido pouco antes de ser chamada para a casa que estavam restaurando no distrito histórico de Savannah.

A ligação tinha vindo de um de seus empreiteiros, com a infeliz notícia de que ladrões de sucata atacaram durante a noite, roubando a tubulação de cobre de três compressores de ar-condicionado novinhos em folha. Um prejuízo de 11 mil dólares em seu orçamento já totalmente estourado. E agora mais essa.

— Ehhh, Hattie? Temos problemas. — Ronnie Sewell, o encanador, estava encostado no para-choque de sua caminhonete quando ela e Cassidy Pelletier, melhor amiga e mestre de obras, chegaram à casa na rua Tattnall naquela manhã quente de sábado.

Cass e ela seguiram o encanador até os fundos da casa, onde ela encontrou uma vala recém-cavada que levava até a fundação de tijolos da propriedade.

— Achei que tinha algo errado — disse Ronnie, apontando para a vala. — Decidi entrar debaixo da casa e dar uma olhada.

Hattie engoliu em seco.

— Me diga logo, Ronnie. Qual é o problema?

— O problema é que todos os canos estão velhos e enferrujados. E você sabe como inunda nesta rua plana, não é? E tudo escoo para o fundo deste terreno. A água está se acumulando lá embaixo sabe-se lá há quanto tempo. Bem, está tudo em ruínas. Enferrujado, quebrado, arruinado.

— Oh, Deus — lamentou Hattie. Ela olhou para o encanador. Ele tinha 50 e tantos anos e era robusto como um hidrante, com uma barriga protuberante pendendo sobre o cinto. — Tem certeza? Quero dizer, você olhou lá embaixo?

Ronnie deu de ombros.

— Entrei o máximo que consegui. Não é preciso ser um gênio.

Sem dizer uma palavra, Hattie saiu. Quando voltou, estava fechando o zíper de um macacão branco e folgado. Tirou uma bandana do bolso e a amarrou no cabelo, depois colocou os óculos de proteção no rosto.

— O quê? — esbravejou Ronnie, o rosto corando de indignação. — Está me chamando de mentiroso? Hattie Kavanaugh, eu trabalho com seu sogro desde antes de você nascer.

— Calma, Ronnie — disparou Hattie. — Mandei inspecionar esta casa antes de fazermos uma oferta. Ninguém disse nada sobre o encanamento estar podre. Não estou chamando você de mentiroso, mas preciso ver com meus próprios olhos. Tug diria a mesma coisa se estivesse aqui.

— Veja por si mesma, então. — Ele se virou e, resmungando, partiu em direção à sua caminhonete. — Malditas garotas sabe-tudo.

Cass se abaixou e analisou a vala sob a fundação, a poça de lama e os escombros de tijolos, então olhou para a amiga.

— Sério? Você vai rastejar naquele pântano?

— Quer ir no meu lugar?

— Quem, eu? Nem mortal! — Cass estremeceu. — Não curto lama.

Hattie foi até uma pilha de madeira coberta de lona, pegou um par de tábuas e as apoiou no ombro. Deslizou-as no chão sob a casa, pensou um pouco e voltou para pegar outro par, colocando-as ao lado das duas primeiras.

Cass entregou a lanterna à Hattie.

— Reze por mim — pediu Hattie, deitando-se sobre as tábuas. — Lá vou eu.



Mo Lopez pedalava devagar pela ciclovía. O bairro pelo qual passava estava claramente em transição. De um lado da rua, casas de tijolo ou madeira da era vitoriana ostentavam sinais de restauração recente, com novas pinturas cintilantes e jardins bem-cuidados. Também havia propriedades menores, modestas casas de artesãos com bicicletas acorrentadas a cercas de ferro forjado, varandas repletas de cestos de samambaias e vasos de plantas e quintais tomados por ervas daninhas. Enquanto pedalava, uma ideia começou a se formar em sua cabeça.

Savannah, ele refletiu, *foi uma agradável surpresa*. Ele aceitara o convite para palestrar para estudantes de cinema e televisão na Faculdade de Artes e Design de Savannah estritamente como um favor à Rebecca Sanzone, a chefe adjunta de programação da emissora. Uma de suas ex-colegas de classe agora trabalhava no escritório de admissões da faculdade. Becca, é claro, estava muito ocupada para fazer a viagem e repassou o convite para Mo.

— Você deveria ir — insistiu ela. — Por que ficar na cidade esperando que os idiotas da emissora se decidam?

Os idiotas em questão eram os chefes imediatos de Rebecca na Home Place Television. O ex-presidente de programação havia sido demitido abruptamente 2 meses antes, e havia um boato de que o novo chefe, Tony Antinori, estava reavaliando a programação da HPTV.

Mo estava compreensivelmente ansioso. A primeira temporada de *Garagem Animal* havia sido considerada um sucesso para um novo programa, mas, nesta segunda temporada, os espectadores não ficaram muito empolgados em assistir a fanáticos por motores gastando quantias obscenas para construir garagens equipadas com todo tipo de parafernália, desde consoles de videogame a elevadores e cozinhas completas. Os números, Rebecca havia apontado, não eram terríveis, mas não eram *bons* o bastante.

Ele precisava de uma ideia nova, e rápido. Seus pensamentos voltaram para o que Tasha, a administradora da Faculdade de Artes e Design de Savannah, dissera a ele; que Savannah tinha a distinção de ser o maior tesouro contíguo intacto da arquitetura original do século XIX nos Estados Unidos. A cidade fervilhava com atividades de restauração e renovação.

Sua mente se agitava tão furiosamente quanto suas pernas. Em uma rua chamada Tattnell, ele avistou um trio de veículos estacionados em frente a uma imponente construção de três andares com a arquitetura em estilo vitoriano Queen Anne. Ao se aproximar, viu duas caminhonetes com os dizeres KAVANAUGH & FILHO, EMPREITEIRA estampados na porta.

Mo parou no meio-fio e observou a casa. Obviamente, uma grande restauração estava em andamento. Andaimos foram erguidos no lado leste da casa, onde alguns dos velhos revestimentos de madeira foram substituídos, e outras partes haviam sido lixadas, em preparação para a pintura. Vigas de madeira estavam empilhadas ao redor do pátio, e paletes carregados de telhas estavam armazenados na varanda.

O telhado e o anexo da varanda estavam cobertos com lonas azuis. Os beirais e a varanda da casa eram adornados com frisos de madeira entalhada.

Ele encostou a bicicleta em um cavalete e subiu os degraus temporários de madeira que levavam à varanda. A porta da frente, um magnífico exemplar da época, com detalhes esculpidos à mão e um vitral, estava entreaberta.

Mo parou diante da porta, abrindo-a com a ponta do sapato.

— Olá?

Sua voz ecoou no vestíbulo de pé-direito alto. Nenhuma resposta. Ele deu de ombros e entrou. O interior da casa era a própria opulência vitoriana. Décadas de camadas de papel de parede estavam em processo de remoção até atingir o gesso. Acima, um enorme lustre com gotas de cristais empoeirados e globos de vidro fosco pendia de um teto decorado com intrincados ornamentos de gesso, agora em ruínas.

— Este lugar é um desperdício de dinheiro — murmurou Mo, mas o contraste entre o antes e o depois podia ser impressionante. Ele caminhou em direção aos fundos da casa. Olhando para cima, a visão era do teto esburacado; sob os pés havia pisos de taco de carvalho dispostos em padrão de espinha de peixe, quase escondidos por décadas de verniz escurecido.

— Lindo. — Ele continuou andando, passando pelo que obviamente tinha sido um banheiro. O velho piso de ladrilho estava imundo, e o único utensílio que restava era uma banheira vitoriana cheia de fragmentos de gesso caídos. Canos expostos brotavam do chão.

No final do corredor, ele espiou a ampla abertura para o que obviamente seria a cozinha. Ficou na porta, analisando o ambiente. Tinha o teto alto e com manchas de umidade e paredes com vigas expostas. O piso continha camadas e mais camadas de linóleo, algumas das quais haviam sido arrancadas até revelar o subsolo.

Mo deu alguns passos para a cozinha e, de repente, o mundo pareceu desmoronar sob seus pés. Ele ouviu madeira se estilhaçando e esticou a mão em uma tentativa vã de amortecer a queda. Então, tudo escureceu.

A última coisa de que ele se lembrava de ter ouvido era uma voz indignada gritando bem no seu ouvido:

— Mas que diabos?!



Hattie se arrastou para baixo da casa o máximo que conseguiu, procurando a origem do cano quebrado. Imaginou que, naquele trecho, estava logo abaixo da cozinha, mas o local estava abafado e úmido, e o facho de luz de sua lanterna iluminou um labirinto de tubulação de ferro fundido corroída que havia sido escavada para expor o sistema hidráulico.

Ela ouviu passos no alto.

— Cass? — Mas os passos eram pesados demais para serem de Cass. Talvez Ronnie tenha mudado de ideia? Certamente ele saberia que não deveria entrar na cozinha, onde os cupins haviam destruído as vigas do piso.

Tump. Pedaçõs de madeira apodrecida e linóleo e mais de um século de detritos repulsivos desabaram em seu rosto. Seguidos por um corpo. Um corpo grande e vivo, que pousou diretamente em cima dela.

— Mas que diabos?! — gritou.

Na penumbra, ela podia ver que o corpo era de um homem.

— Uuuuhhhh — gemeu o homem. Seu rosto estava colado ao dela, e ele parecia atordoado.

— Sai de cima de mim — protestou Hattie, com os dentes cerrados. Com esforço, ela conseguiu empurrá-lo para o lado, até que ele estivesse deitado de costas na lama, sob a casa.

Ela ouviu passos novamente.

— Hattie? — A cabeça de Cass surgiu pelo buraco no chão da cozinha. Ela apontou o facho da lanterna para a amiga e depois para o intruso caído, que gemia e também tentava se sentar. — Quem é esse cara? E o que diabos está acontecendo aí embaixo?

— Merda, e eu lá sei — respondeu Hattie. Ela estendeu a mão para a melhor amiga. — Vamos. Me tire daqui. Ronnie tem razão. A tubulação já era. — Ela apontou para o estranho. — E esse cara também. Chama a polícia. Parece que nós prendemos um ladrão de sucata.



A Proposta

Hattie olhou para o homem estatelado no chão da cozinha. Algumas mulheres poderiam achá-lo atraente. Ele usava jeans preto de grife e uma camisa preta com o colarinho aberto, que lhe diziam que o homem não era da cidade, porque ninguém com juízo usava roupas pretas no calor e na umidade sufocantes do verão em Savannah. No momento, ele estava coberto de lama e encarava Hattie como se *ela* fosse a intrusa, e não o contrário.

Cass cutucou a perna de Mo com o bico da bota e olhou para Hattie, que limpava pedaços de sujeira do cabelo.

— Não se encaixa na minha ideia de ladrão de sucata.

— Tem razão — disse Hattie. — Para início de conversa, parece que ele tem todos os dentes. Além disso, está muito bem-vestido. — Ela tocou nos tênis arruinados de Mo com a lanterna. — Caraca. Olha isso. Esses Nikes custam uns 600 dólares.

— Talvez sejam roubados — ponderou Cass.

— Muito bom — disse Mo, suprimindo um gemido enquanto se levantava. — Hilário. Vocês duas devem ser um sucesso nos clubes de comédia por aqui.

Ele olhou para baixo e examinou seu estado. Ambos os braços estavam ralados, com arranhões ensanguentados. As roupas estavam imundas, e os Nikes, cobertos de lama. Ou algo parecido. Ele tateou a parte de trás da cabeça com as pontas dos dedos e sentiu um galo brotando. Talvez tenha sofrido uma concussão? O dia não tinha como piorar.

— A porta da frente estava escancarada — mentiu. — Como eu deveria saber que este lugar é uma armadilha mortal? Eu poderia processá-la por negligência criminosa.

— E poderíamos chamar a polícia e prendê-lo por invasão — revidou Cass. — Certo, Hattie?

Mas a melhor amiga de Cass estudava o rosto do sujeito. Ela definitivamente já o vira antes, o cabelo escuro roçando a gola da camisa, a pele oliva que

combinava com o cabelo e os olhos, as sobrancelhas agressivamente grossas e a barba rala que estava na moda. Ele olhava para o celular, mas ela tinha certeza de que estava ouvindo sua conversa com Tug.

Hattie estalou os dedos.

— Ei. Você estava sentado na mesa ao lado da nossa no Foxy Loxy, hoje de manhã. E obviamente bisbilhotando minha conversa.

— Bisbilhotando, não — insistiu Mo. — Estava cuidando da minha vida, tomando café da manhã. Não é minha culpa se você fala tão alto que todos conseguem ouvir.

— Hmm. E então você aparece aqui, menos de uma hora depois. Nesta casa, sobre a qual estávamos falando. Obviamente uma coincidência.

Mo tomou outra decisão rápida.

— Ok, não foi uma coincidência — admitiu ele. — Ouvi você e... era seu pai? Conversando naquele café. Fiquei intrigado. — Ele enfiou a mão no bolso da calça e pegou uma carteira fininha de couro. Retirou um cartão de visita e entregou para ela.

Hattie franziu as sobrancelhas ao ler o cartão.

— Mauricio Lopez. Presidente, produtor executivo, Toolbox Productions. — Ela entregou o cartão para Cass. — Ainda não entendi por que você me seguiu até aqui e invadiu a minha obra.

— A Toolbox é uma empresa de produção televisiva. Eu faço reality shows originais, atualmente para a Home Place Television. Enquanto eu andava de bicicleta pelo bairro histórico esta manhã, tive uma ideia para o que eu acho que poderia, potencialmente, ser um novo reality show. Você e seu pai estão reformando esta casa para vender? Percebi que as coisas não estão indo muito bem.

Ele olhou em volta e apontou para a cozinha em ruínas, depois para o enorme buraco no piso.

Cass e Hattie se entreolharam.

Hattie jogou o cartão na direção do peito de Mo, e o pedaço de papel flutuou lentamente até o chão.

— Primeiro, Tug é meu sogro, não meu pai. Em segundo lugar, não que seja da sua conta, mas a casa está indo muito bem.

Mo deu de ombros.

— Ah, então você não estourou o orçamento? Os bancos *estão* dispostos a emprestar dinheiro suficiente para terminar a obra? E você estava rastejando embaixo da casa só por diversão quando esse chão podre desabou sob meus pés?

O rosto de Hattie ficou vermelho.

— É melhor você ir embora, antes que eu me irrite de verdade.

— Você *não* quer irritá-la — avisou Cass. — Sério, cara, vai embora.

— Não quer nem ouvir minha ideia? — rebateu Mo. — Um reality show original não roteirizado. Você e sua equipe seriam as estrelas. Reformar uma casa velha para revenda.

— Oh! — Cass fez uma expressão dramática, cutucando Hattie com o cotovelo. — Ele quer nos colocar no cinema. Hollywood, aqui vamos nós.

— No cinema, não. Televisão. E não é Hollywood — explicou Mo. — É o seguinte. Savannah é o cenário perfeito para um reality show. Toda essa história, essas casas antigas. Além disso, os custos de mão de obra e material devem ser muito mais baratos por aqui. Quanto pagou pela casa, afinal?

— Não é da sua conta — rosnou Hattie.

— Oitenta e dois mil dólares — revelou Cass. — Havia invasores vivendo aqui. Foi uma execução hipotecária. Mas e daí? Você compraria esta casa para o programa?

— Cass! — repreendeu Hattie, com um olhar de censura.

— Não. Não é assim que funciona. Você investe seu próprio dinheiro na propriedade e fica com todo o lucro da venda da casa. Claro, negociamos uma remuneração para você e sua equipe e angariamos alguns patrocinadores para fornecer material em troca de exposição no programa. Quanto você já gastou neste sorvedouro de dinheiro? — perguntou.

— Chega de papo — respondeu Hattie. Ela apontou para a porta dos fundos. — Vá. Embora. Agora.

Mo balançou a cabeça, incrédulo.

— Você sabe quantas pessoas venderiam a alma por uma oportunidade como essa? De estrelar um novo reality show? Passei por meia dúzia de casas históricas em restauração enquanto pedalava até aqui.

— Vá invadir essas obras, então — disse Hattie. — Desabe pelos pisos delas. — Ela pegou o cotovelo dele e empurrou sem muita gentileza. — Dá o fora.



Ao chegar à sua bicicleta, Mauricio Lopez se virou, sacou o celular, mirou e fez uma série de fotos. As duas mulheres ficaram na frente da casa, observando-o partir na bicicleta.

— Você acha que aquele cara tá falando sério? — perguntou Cass.

— Não sei e não me importo — disse Hattie. Ela abriu o zíper do macacão, despiu-o e pegou seu celular. — Tenho que ser gentil com Ronnie, pedir desculpas e trazê-lo de volta para cá, para começar a substituir todos aqueles canos de ferro fundido.

Hattie olhou para a casa. Ela ficou tão empolgada quando viu o endereço na lista de execuções hipotecárias do avaliador imobiliário do condado. Ela estava de olho nesta rua há 2 anos, passando por esta casa específica quase diariamente, espreitando-a como um amante ciumento. Seu nome secreto para a casa era Gertrude, em homenagem à Gertrude Showalter, uma mulher idosa que vivia na casa em frente à que Hattie crescera.

Ela tinha visto as janelas quebradas, as pilhas de garrafas de bebida vazias e o lixo espalhado ao redor da varanda de Gertrude, testemunhou com pesar quando uma tempestade de verão derrubou um enorme galho de árvore sobre o telhado, sabendo que a chuva deterioraria ainda mais a estrutura.

Quando a lista de execução hipotecária foi finalmente publicada, ela foi a primeira a chegar ao fórum, 2 horas antes do início do leilão, determinada a comprá-la a qualquer custo, para salvar a elegante anciã, restaurá-la e vendê-la com um belo lucro.

Tug tentou avisá-la sobre a compra de uma casa sem a visitação pr evia, mas ela estava determinada a provar que ele estava errado.

Ela dirigiu diretamente do f orum para sua nova velha casa na rua Tattnell, agarrando as chaves com força nas mãos.

Nada em Gertrude a intimidava. Nem mesmo os pombos que habitavam o s ot o ou a carcaça de gambá petrificada que encontrou sob um armário da cozinha podre a fizeram desistir.

Não era apenas dinheiro e o patrim nio suado que Hattie havia investido em Gertrude. Ela se dedicou de corpo e alma àquela casa. Mas, agora, droga, ela enxergava a situa o pelos olhos do petulante cara da televisão.

A percep o surgiu de repente, como uma mão fria agarrando sua garganta. Ela quebrou o primeiro mandamento do investimento imobiliário de Tug Kavanaugh, aquele que o sogro pregava desde que ela havia pagado a entrada para seu primeiro empreendimento. *“Uma casa   apenas um monte de madeira e pregos, Hattie.   são uma coisa. Nunca se apaixone por nada que não possa retribuir seu amor.”*

Ela teve um grande amor em sua vida e o perdeu em um piscar de olhos. Quando aprenderia? Tug tinha razão, ela sabia. Amor, criatividade ou boas vibra es não transformariam Gertrude no tesouro que ela imaginara. Seus ombros murcharam enquanto vasculhava os contatos em seu telefone.

Encontrou o número do encanador, clicou e esperou. O telefone tocou uma, duas, três vezes. Ele atendeu depois do quarto toque.

— Sim? — Ele ainda estava bravo.

— Ronnie! Olha, me desculpe. Você estava certo, mas eu tinha que ver com meus próprios olhos. Todo o encanamento debaixo da casa está destruido. Quanto vai custar para substituir tudo?

— No mínimo? — O orçamento estava muito além do que Hattie imaginou.
— Hattie? Está aí?
— Estou — disse ela rispidamente. — Deixa pra lá.



Os passos de Tug ecoavam pelos cômodos de pé-direito alto. Era de madrugada, e uma leve brisa soprava pelas janelas abertas. Hattie o seguia, decidida a segurar o rojão.

Ele murmurava números enquanto caminhava, balançava a cabeça, revirava os olhos. Quando ele chegou à cozinha, olhou para o buraco irregular no chão antes de encarar a nora.

— Conheci uns caras no depósito de madeira no mês passado. São investidores. Compram casas em Midtown. Conversamos enquanto eu esperava que carregassem o material. Falei sobre esta casa com o rapaz mais novo. Ele disse que estava observando nosso progresso. Gosta desta rua. Acha que tem um grande potencial. Me deu o cartão dele. Seu nome é Keith. Disse que se estivéssemos interessados em vender. . .

— Nós estamos. — Hattie soltou.

— É venda por atacado. Não é varejo. Perderemos muito dinheiro com isso. Você sabe disso, não sabe, querida?

Ela assentiu, incapaz de falar.

Tug continuou:

— Você está fazendo a coisa certa. Dói, eu sei, mas, diabos, todos cometemos erros. Não é o fim do mundo.

Hattie engoliu em seco.

— E o banco?

Ele deu um tapinha no ombro dela.

— Vou falar com o banco. Fazemos negócios com esses filhos da mãe há quase 40 anos. Eles nunca perderam dinheiro comigo. Vai ficar tudo bem!

Hattie tocou sua mão. A pele de Tug era áspera, enrugada, marcada de ferimentos e cicatrizes.

— Sinto muito. Você tentou me avisar, mas eu não quis ouvir.

— Não se desculpe, querida — disse ele, com a voz rouca. — Seja esperta. Aprenda a lição e siga em frente, sabendo que fez o seu melhor. Mas, desta vez, não foi o suficiente.